



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LAURILENE PANTOJA DOS SANTOS

ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: O Internato
Evangélico Amazônico de Breves, arquipélago de Marajó, Pará

BREVES-PARÁ

2022

LAURILENE PANTOJA DOS SANTOS

**ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: O Internato
Evangélico Amazônico de Breves, arquipélago de Marajó, Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas, do Campus Universitário do Marajó-Breves, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Miranda Costa

BREVES-PARÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S237e Santos, Laurilene Pantoja dos.
Entre História, Memória e Esquecimento : O Internato
Evangélico Amazônico de Breves, arquipélago de Marajó, Pará /
Laurilene Pantoja dos Santos, Eliane Miranda Costa . — 2022.
33 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliane Miranda Costa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de
Educação, Breves, 2022.
1. Internato Evangélico Amazônico. 2. História . 3.
Memória Escolar. 4. Cultura Escolar. I. Título.

CDD 207.5

LAURILENE PANTOJA DOS SANTOS

ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: O Internato Evangélico

Amazônico de Breves, arquipélago de Marajó, Pará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas, do Campus Universitário do Marajó-Breves, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia.

Data de aprovação: 09/02/2022

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliane Miranda Costa
FECH/UFPA - Orientadora

Profa. Dra. Viviane Nunes da Silva Caetano
FECH/UFPA – Examinadora

Prof. Dr. Diogo Menezes Costa
PPGA/UFPA – Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, pois sem ele nada seria possível, por me abençoar com saúde, sabedoria e por me apresentar pessoas incríveis e iluminadas que estiveram ao meu lado durante minha jornada acadêmica ou que por um breve momento cruzaram o meu caminho e contribuíram de alguma forma para meus estudos. Agradeço à minha família, minha base e suporte, por me incentivar e apoiar em todos os momentos. Sou imensamente grata à querida professora Dra. Eliane Miranda Costa pela oportunidade de ser bolsista de seu projeto do PRODOUTOR. Obrigada, professora por ter me orientado e dado apoio necessário na construção desse trabalho e, principalmente, por ser uma profissional e pessoa incrível que Deus e a Universidade me deram o privilégio de conhecer. Como bolsista pude aprender não apenas sobre a docência, como também a exercitar a pesquisa. Também sou grata aos meus/minhas colegas e amigos(as) da turma de Pedagogia 2017 por sermos unidos(as), companheiros(as) e aprendermos juntos. Não posso deixar de citar os interlocutores da pesquisa que acolheram nossos questionamentos e dispuseram de seu tempo para respondê-los, compartilhando suas histórias e vivências, e sem os quais este estudo não ganharia vida, a eles sou grata. E, por fim, agradeço também a banca examinadora por fazerem parte da minha vida acadêmica na UFPA dedicando seu tempo para leitura e contribuições importantes para o enriquecimento deste trabalho.

RESUMO

O texto trata da história e memória do Internato Evangélico Amazônico, fundado em 1948 na cidade de Breves, arquipélago de Marajó. A finalidade consiste em conhecer e dar visibilidade social à história de uma instituição que, embora seja um importante capítulo da história da educação local, tem sido relegada ao esquecimento. Objetiva-se conhecer e descrever fragmentos da história e memória escolar produzida pelo referido Internato e lembrada por ex-alunos, especificamente, identificar o perfil dos alunos que estudavam no Internato, a dinâmica de ensino e a finalidade da instituição, igualmente, verificar o valor atribuído ao Internato por ex-alunos, como lugar de memória e patrimônio. A metodologia adotada envolveu a coleta de narrativas orais à luz da metodologia da História Oral em concomitância com as pesquisas bibliográfica e documental. A base teórica conta com contribuições de estudiosos do campo da História da Educação, da Antropologia e Arqueologia, entre os teóricos destacamos Pollak (1989), Hodder (1994), Foucault (2004) e Conceição (2019). Nos resultados verifica-se que o Internato é guardado na memória dos interlocutores como um espaço educacional de excelência. Pode-se dizer que é uma referência histórica e escolar, cujo ensino envolvia uma relação didática integrando atividades pedagógicas, doméstica e espiritual. Inferimos que o Internato agrega valor de memória e patrimônio educacional aos ex-alunos e a história da educação local. Portanto, o estudo dessa unidade, que não se esgota aqui, torna-se indispensável tanto para conhecermos elementos do passado quanto para projetarmos novos olhares à educação e às instituições escolares na região do Marajó.

Palavras-chave: Internato Evangélico Amazônico; História; Memória Escolar; Cultura escolar.

ABSTRACT

The text deals with the history and memory of the Amazonian Evangelical Boarding School, founded in 1948 in the city of Breves, in the Marajó archipelago. The purpose is to know and give social visibility to the history of an institution that, although it is an important chapter in the history of local education, has been relegated to oblivion. The objective is to know and describe fragments of the history and school memory produced by the referred Internship and remembered by former students, specifically, to identify the profile of the students who studied at the Internship, the teaching dynamics and the purpose of the institution, equally, to verify the value assigned to the boarding school by former students, as a place of memory and heritage. The adopted methodology involved the collection of oral narratives in the light of the Oral History methodology in concomitance with bibliographic and documentary research. The theoretical basis has contributions from scholars in the field of History of Education, Anthropology and Archeology, among the theorists we highlight Pollak (1989), Hodder (1994), Foucault (2004) and Conceição (2019). The results show that the Internship is kept in the memory of the interlocutors as an educational space of excellence. It can be said that it is a historical and school reference, whose teaching involved a didactic relationship integrating pedagogical, domestic and spiritual activities. We infer that the Internship adds memory and educational heritage value to former students and the history of local education. Therefore, the study of this unit, which is not limited here, becomes indispensable both to know elements of the past and to project new perspectives on education and school institutions in the Marajó region.

Keywords: Amazonian Evangelical Boarding School; History; School Memory; School culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1 -	Casal Rev. Roberto Cunningham e Rosimere Cunningham – 1948....	15
Ilustração 2 -	Prédio do Internato Evangélico da Amazônia, onde ocorriam as aulas - 1948-1971.....	18
Ilustração 3 -	Lar das meninas - 1949-1963.....	18
Ilustração 4 -	Roberto Cunningham e alunos internos, ao fundo residência do casal Cunningham e Lar dos meninos - 1949-1950.....	18
Ilustração 5 -	Senhor João Cardoso e Rosa Amélia Cardoso, administradores do Internato - 1950-1971.....	23
Ilustração 6 -	Internos em momento de lazer. Meados de 1949-1963.....	24
Ilustração 7 -	Desfile dos alunos do Internato/Externato no 7 de setembro de 1950?.....	25
Ilustração 8 -	Casal Rev. Roberto Cunningham e Rosimere Cunningham e seus filhos - entre 1947-1950.....	35
Ilustração 9 -	João e Rosa Amélia, os filhos Romélia e João e as alunas: Luzia, Guiomar, Nazaré e Mariá - 1950-1971.....	35
Ilustração 10 -	Crianças no trator doado ao Internato. Meados de 1949-1963.....	36
Ilustração 11 -	Fórum da Comarca de Breves, antigo Internato Evangélico Amazônico.....	37
Ilustração 12 -	Escola Estevão Gomes, espaço ocupado antigamente por alojamentos de alunos do Internato Evangélico Amazônico.....	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	INTERNATOS ESCOLARES NO BRASIL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS.....	11
3	METODOLOGIA: ENTRE A MEMÓRIA ORAL E A MEMÓRIA DOCUMENTAL.....	12
4	O INTERNATO EVANGÉLICO AMAZÔNICO DE BREVES: ORIGEM, FUNDADORES E FINALIDADE PEDAGÓGICA.....	14
4.1	Primeiros passos: fundação e características.....	14
4.2	Memórias de uma escola-casa no Marajó: rotinas, horários e Prática pedagógica.....	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS.....	33
	ANEXO A – IMAGENS DE FUNCIONÁRIOS E ALUNOS DO INTERNATO..	35
	ANEXO B – IMAGENS DE LUGARES E CONSTRUÇÕES NA ATUALIDADE, LOCALIZADO NOS ESPAÇOS DO ANTIGO INTERNATO..	37

1 INTRODUÇÃO

O artigo resulta da pesquisa “No rastro da memória e do Patrimônio Cultural: Educação, História e Identidades Culturais na Amazônia Marajoara”, desenvolvida entre agosto de 2019 a julho de 2021, financiada pelo Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador (PRODOUTOR) da Universidade Federal do Pará (UFPA), versando sobre as instituições e a história da educação em Breves no Marajó. É um texto que trata especificamente, do Internato Evangélico Amazônico a partir das memórias narradas por ex-alunos, com a perspectiva de conhecer e dar visibilidade social à história de uma instituição que, embora seja um importante capítulo da história da educação local, tem sido relegada ao esquecimento.

História, memória e esquecimento entrelaçam-se aqui enquanto categorias para dialogar e debater a necessidade de preservar e divulgar a história da instituição escolar no Marajó. A memória contribui para que os sujeitos rememorem fatos históricos do passado, o que é fundamental para cultivar a história da educação nesta porção da Amazônia. Para ser lembrada, conforme Maurice Halbwachs (2003), a história carece da memória coletiva, resultante das diversas interações que os sujeitos mantêm entre si. Nesse processo, a memória individual não se distancia da memória coletiva (HALBWACHS, 2003).

Para Michael Pollak (1989), a memória coletiva, enquanto memória nacional envolve um processo de dominação e submissão, manifestada nas relações entre Estado e sociedade, assim como entre grupos dominantes e dominados. Nessa dinâmica, Pollak (1989), defende que as memórias subterrâneas, marcadas pelo silêncio, são relegadas ao esquecimento pelas versões oficiais da história. Em outras palavras, as memórias individuais dos grupos e sujeitos subalternos são deliberadamente esquecidas pelas versões da memória nacional, isto é, colocadas no limbo da história. Nesse quadro, as lembranças são vinculadas àqueles que detêm o poder, pois são eles quem decide quais fatos, acontecimentos e narrativas devem ser lembradas, preservadas e divulgadas. Isso explica o que Pollak (1989) chama de memórias subterrâneas. O esquecimento apresenta-se, nesse aspecto, como estratégia política para preservar ou não determinada história e memória.

Individual ou coletiva a memória é vulnerável a usos e manipulações (NORA, 1993), por isso para Pierre Nora (1993) faz-se necessário “os lugares de memória”, os quais não são apenas fontes documentais e memoriais, mas, testemunhos de outros tempos. Os vestígios e artefatos materiais, bem como as narrativas acerca do passado caracterizam-se enquanto provas de um passado, muitas vezes esquecido pelas histórias e memórias nacionais. O Internato Evangélico de Breves, especialmente, sua história rememorada pelos vestígios

materiais e as narrativas de seus ex-alunos são provas de um passado, até então relegado ao esquecimento, uma vez que a comunidade estudantil, em geral, pouco sabe ou nunca ouviu falar acerca da existência desta instituição, fundada em 1948, e com efetivas atividades escolares de 1949 a 1971 no núcleo urbano do município de Breves.

Cabe pontuar que nosso objeto de estudo, o Internato Evangélico Amazônico, é uma das primeiras escolas do município de Breves e a primeira instituição educacional de característica religiosa, ligado à Igreja Cristã Evangélica. Para conhecer parte de sua história e memória organizamos os seguintes questionamentos: O que os ex-alunos narram sobre o Internato Evangélico Amazônico? Como os moradores lembram-se dessa instituição? Como era a dinâmica de ensino e qual a finalidade? Quem estudava nessa instituição? Tem-se, por objetivo geral, conhecer e descrever fragmentos da história e memória escolar produzida pelo referido Internato e lembrada por ex-alunos. De modo específico procuramos identificar o perfil dos alunos que estudavam no Internato, a dinâmica de ensino e a finalidade da instituição; verifica-se ainda o valor atribuído ao Internato por ex-alunos, como lugar de memória e patrimônio.

Pautada dentro da perspectiva histórica essa investigação tem como principal recorte temporal o período que vai de 1948 a 1971. Em 1948, a referida instituição foi criada e em 1949 iniciou suas atividades escolares e, em 1971, atuando também como externato encerrou suas atividades. Verifica-se que por cerca de duas décadas o Internato/Externato em estudo foi responsável pela formação escolar de várias crianças, o que nos ajuda a chamar atenção para a importância de colocar em pauta sua história e memória. Nos dias atuais não há vestígios materiais (estrutura física) pertencentes ao Internato/Externato Evangélico Amazônico, porém, é lembrado com saudosismo e admiração por aqueles que fizeram parte dessa unidade.

Nos tópicos que seguem tratamos inicialmente da instituição escolar no contexto histórico-conceitual, posteriormente descrevemos o caminho adotado para realizar o estudo. No terceiro tópico temos a descrição e análise dos dados empíricos. Ao finalizar, destacamos o Internato como importante patrimônio e lugar de memória da história da educação pública do município e região do Marajó.

2 INTERNATOS ESCOLARES NO BRASIL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS

No Brasil, as instituições escolares têm origem com os Jesuítas, responsáveis pela fundação de colégios-internatos, colégios-seminários, conventos e recolhimentos em lugares como Salvador, Rio de Janeiro, Olinda, Minas Gerais e Belém, por volta da segunda metade do século XVI. De influência europeia as instituições jesuítas, guardadas suas diferenças entre os modelos educacionais, configuraram-se em estratégias de internamento, cuja finalidade consistia em civilizar os filhos das camadas ricas da colônia (CONCEIÇÃO, 2019).

Os internatos, conforme Guigue e Boulin (2016) têm uma longa história. Sua origem “pode ser encontrado no sistema de ensino francês” (CONCEIÇÃO, 2019, p. 109). Pautada em Durkheim (1995), Conceição (2019) menciona que o princípio responsável pela origem dos internatos escolares decorre da necessidade de controlar os estudantes, separá-los das ameaças do mundo adulto e garantir o desempenho dos alunos. No contexto da colônia brasileira, os internatos jesuítas cumpriam o papel de proteger os filhos das famílias abastadas das delinquências, promovidas pela miscigenação social.

Do século XVIII ao século XIX os colégios-internos franceses tiveram grande desenvolvimento. Com valor de formação moral e humana nesses colégios as moças entre 15 a 18 anos, eram educadas nas artes para atrair matrimônios e os meninos recebiam preparos para seguir no bacharelado. No século XIX, este modelo entrou em declínio na França, ao mesmo tempo, que se tornou um fenômeno praticado em países como Inglaterra e Alemanha. No Brasil, ao longo do século XIX, “colégios particulares e confessionais ou não assumiram o internamento para a instrução das camadas ricas e extratos médios da população” (CONCEIÇÃO, 2019, p. 116). Todavia, três classes de alunos forjaram-se, nessa época, os pensionistas (contava com cama, refeição e instrução), os semi-internos (tinham instrução e uma ou duas refeições) e os externos (recebiam apenas a instrução).

Isso mostra que no Brasil, os internatos assumiram diferentes interesses. Entre tais interesses destacam-se, de acordo com Silva e Rabinovich (2007), o controle e a limpeza social. No século XX, os internatos como “instituição total” entraram em declínio em função das famílias não aceitarem mais ficar longe dos filhos e estes em se submeterem às regras de internamento. Embora às críticas, os internatos foram bastante utilizados pelas famílias ricas, enquanto modelo para preparar os filhos e, até hoje, é um modelo que permanece. No dizer de Conceição (2019), os internatos caracterizam parte da história social do Brasil, contudo suas funções e práticas sociais continuam ocupando a “zona silenciosa” do campo da história da educação. Em realidades como a região da Amazônia marajoara, esse silenciamento é mais

profundo, uma vez que pouco se conhece sobre a história das instituições escolares existentes nos diferentes municípios. No caso do Internato Evangélico Amazônico de Breves as poucas informações a respeito de sua existência não integram a história da educação municipal.

O estudo da história dessas instituições torna-se necessária, pois, permite conhecer não só o respectivo ciclo de vida das mesmas, isto é, sua “criação, desenvolvimento, crises e extensão [...] elementos da arquitetura, perfil de seus agentes, envolvendo corpo docente funcionários, apoio, perfil de alunos, projetos e propostas pedagógicas, dentre outras” (WERLE; BRITTO; COLAU, 2007, p. 148), mas, sobretudo, a estrutura econômica e política da sociedade. Para estudar essas instituições, Werle, Britto e Colau (2007) aconselham considerar o significado da história e materialidade das mesmas para os sujeitos e sociedade. Conselho este que tentamos seguir nessa pesquisa.

3 METODOLOGIA: ENTRE A MEMÓRIA ORAL E A MEMÓRIA DOCUMENTAL

A pesquisa envereda-se pela trilha da História Oral (HO) em concomitância com as pesquisas bibliográfica e documental. No entendimento de Valeska Fortes de Oliveira (2005, p. 94) “a história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio histórico que deve ser considerado”. A HO pode ser interpretada como uma experiência metodológica que utiliza as narrativas orais como fonte de conhecimento e saber. Para Delgado (2003), as narrativas sob a forma de registros escritos ou orais, são caracterizadas pelo movimento de contar e traduzir em palavras as memórias no tempo.

Adotando esta metodologia recorreremos às memórias de ex-alunos do Internato Evangélico Amazônico de Breves. Tais memórias são tratadas como importantes documentos para a construção da história social e educacional de Breves. Em outros termos, as memórias compõem um significativo quadro de referência escolar da educação na Amazônia Marajoara. Entendemos a memória como uma ponte de ligação do presente com o passado e o futuro. Tempo e memória são nesse sentido “elos de corrente, que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento” (DELGADO, 2003, p.16), ou seja, são caminhos que permitem que os sujeitos visitem vários momentos das suas trajetórias de vida. Nesse processo compartilhamos com Le Goff (1990) que a história alimenta a memória, que por sua vez, age salvando os acontecimentos do passado para que estes possam servir para o presente e para o futuro, como fonte de conhecimento.

Para acessar a memória dos ex-alunos recorreremos à entrevista semiestruturada¹. Ao todo foram três entrevistas guiadas por um roteiro composto por 21 perguntas. Tais entrevistas foram realizadas no contexto da Pandemia do Covid-19. A primeira entrevista foi feita com Dona M. L. C. (ex-aluna), 71 anos, de modo presencial, conforme acordado com a interlocutora e obedecendo as medidas de biossegurança indicadas pela Organização Mundial da Saúde. Este momento foi previamente agendado e, com o consentimento da interlocutora, gravamos a entrevista que, posteriormente, foi transcrita de forma literal.

A segunda e terceira entrevistas foram realizadas, com o casal E. P. D. (ex-aluno), e D. G. D. (ex-aluna), ambos com 75 anos, por escrito. Referido casal mora na capital Belém, assim, à distância e o período de isolamento social tornou a entrevista presencial inviável. Também não realizamos tais entrevistas de forma *online* por meio de plataformas como o *Google Meet* e até mesmo o *WhatsApp*, porque os entrevistados optaram por responder as perguntas por escrito. Assim enviamos aos depoentes o já citado roteiro, e recebemos devidamente respondido. Nas três entrevistas fizemos uso do Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), instrumento indicado pela Resolução nº510/2016 para assegurar o sigilo ético de pesquisas em Ciências Humanas. Atentas à questão ética, nossos interlocutores encontram-se identificados pelas iniciais de seus respectivos nomes, conforme a autorização dos mesmos.

Além das narrativas, têm-se ainda por fonte, conversas informais realizadas no transcurso da pesquisa com vários moradores, bem como um Panfleto de divulgação e apresentação do Internato. Deste documento extraímos informações e fotografias que nos ajudaram a conhecer com mais clareza nosso objeto de estudo. A fonte documental, conforme Kripka, Scheller e Bonotto, (2015, p. 58) consiste na “apreensão, compreensão e análise de documentos” que não passaram por tratamento analítico (GIL, 2008). Esses dados foram organizados e analisados à luz da base teórica. Recorreremos à técnica da análise de conteúdo, que nos possibilitou estabelecer um diálogo com o conteúdo latente e manifesto e compreender os significados que estão por trás dos fragmentos das mensagens. Esta técnica, como assegura Bardin (1977), tem como foco central a mensagem que o pesquisador procura compreender para responder a problemática levantada. Nesse exercício relacionamos as narrativas orais, as conversas informais e as informações documentais para melhor abordar as práticas que revelam parte do cotidiano escolar do Internato Evangélico Amazônico.

¹ Cabe esclarecer que a pesquisa teve início antes da pandemia do Covid-19, porém, o contato e diálogo com os entrevistados aconteceram durante o período de isolamento social, de modo que, a maioria das trocas de mensagens e informações ocorreu por meio remoto. Isso limitou a seleção de outros sujeitos para entrevistar, visto tratar-se de pessoas com mais de 50 anos e, em alguns casos, moram em outras cidades e regiões.

4 O INTERNATO EVANGÉLICO AMAZÔNICO DE BREVES: ORIGEM, FUNDADORES E FINALIDADE PEDAGÓGICA

4.1 Primeiros passos: fundação e características

No contexto da década de 1940, onde iniciamos nosso percurso histórico, Salera Júnior (2014) comenta que o município de Breves vivia uma excelente fase econômica, o que se dá em função da comercialização da borracha na Amazônia. O município de Breves era, na verdade, um dos maiores centros de produção e exportação de borracha da Amazônia Marajoara até meados dos anos de 1940, quando este sistema entra em crise (COSTA, 2018). Assim, produtos como o palmito de açaí e a madeira passaram a ser comercializados. Com a venda da madeira, sobretudo, a partir dos anos de 1970 Breves tornou-se um grande polo madeireiro comandado por empresas, como Breves Industrial Sociedade Anônima (BISA)², que ajudaram a alavancar novamente a economia do município (COSTA, 2018).

No decorrer desses ciclos econômicos várias famílias prosperaram e o município cresceu em termos populacionais. Contudo, nos anos de 1948, quando o Internato foi criado, nossos interlocutores e moradores, com quem dialogamos informalmente, lembram que a cidade de Breves, era um pequeno núcleo, sendo que a maioria das famílias vivia no espaço rural, envolvidos com o comércio da borracha e a agricultura. Nota-se, que por ser um lugar de passagem, porto de parada obrigatória e região em ascensão, o município de Breves chamou atenção de igrejas evangélicas, como é o caso da Igreja Cristã Evangélica que integra a Igreja da Aliança das Igrejas Evangélicas do Brasil (ICE).

Assim sendo, em 1947 o casal de missionários canadense Reverendo Roberto Cunningham e Rosimere Cunningham (figura 1 e Anexo A), desembarcou nas terras breveses com o intuito de pregar o evangelho. Os missionários pertenciam à "Cruzada de Evangelização Mundial no Brasil", missão da igreja Cristã Evangélica. Chegando ao território brevesense, uniram-se a um pequeno grupo de pessoas e foram os primeiros a consolidar o trabalho da igreja Cristã no município. A instituição religiosa foi registrada em ata em 1948, tendo seus primeiros membros, pessoas da família Diniz, tradicional de Breves.

² Localizada na área portuária de Breves, a BISA era a maior empresa madeireira da cidade, surgindo na década de 1940 e fechando suas portas no final da década de 1960.

Figura 1 — Casal Rev. Roberto Cunningham e Rosimere Cunningham - 1948.



Fonte: Arquivo Pessoal de E. D. e D. D.

O trabalho de evangelização não parou somente na implantação da Igreja Cristã. Ainda que, no período, a região fosse tida como próspera economicamente, em termos de educação escolar apresentava um quadro precário. De acordo com Costa (2020), nessa época, existia apenas uma escola pública em Breves, trata-se do Grupo Escolar Dr. Lauro Sodré, inaugurado em 1943, com três salas de aula. Isso explica 90% da população não saber ler e escrever como registra o Panfleto do Internato, aqui analisado.

Diante desse quadro, nossos registros nos fazem compreender que o casal Cunningham se dispôs a fundar em 1948 o “Internato Evangélico Amazônico”. De caráter confessional, este internato, caracterizava-se como uma Escola Lar Evangélico, onde as crianças tinham cama, alimentação e instrução. Esta última envolvia leitura, escrita e preces a Deus. Para a região e época o Internato caracterizou-se como “instituição total” de cunho religioso e educação diferenciada. Podemos sugerir que a perspectiva dos fundadores consistiu em retirar as crianças de suas famílias e oferecer-lhes melhores condições de estudo, preparo para seguir os preceitos religiosos, bem como protegê-los de influências negativas da sociedade.

Breves, naquele momento, não era apenas a localização estratégica para quem se aventura a navegar pelos rios da Amazônia, mas, era, também, parte de uma região cobijada pelos missionários evangélicos, de modo que, a evangelização estava diretamente ligada com a fundação do Internato, como fica claro nas narrativas. Na expressão dos entrevistados, o objetivo do Internato era possibilitar uma educação primária e diferenciada para meninos e

meninas sob a influência de uma pedagogia religiosa. Mesquita (1992, p. 116) comenta que “Educar e evangelizar foram preocupações interligadas” nos colégios religiosos desde suas origens. Preceitos que, no estado brasileiro, se verifica e mantém a partir dos primeiros colégios jesuítas (SILVA; RABINOVICH, 2007; CONCEIÇÃO, 2019).

Os depoentes comentam ainda que o objetivo da instituição foi se ampliando ao longo dos tempos, mas que tudo dependia das necessidades encontradas na região. Pode-se observar que mudanças ocorreram no internato, contudo, a principal filosofia permaneceu, isto é, obediência às leis do lar, do país e de Deus. Isso porque o Internato procurava evitar os maus vícios e os maus costumes, que pudessem prejudicar o desenvolvimento dos internos, características semelhantes aos internatos do período colonial (CONCEIÇÃO, 2019).

Registra-se que este Internato funcionou como “instituição do total” (em regime interno e externo) de 1949 a 1963. A partir desse período até 1971 funcionou somente em regime externo. Nos dias atuais não há vestígios materiais referentes à estrutura física deste internato, todavia, relacionando as narrativas orais com as conversas informais foi possível reconfigurar significados culturais e simbólicos (HODDER, 1994), que nos permitiram construir e descrever uma história compartilhada não somente pelos ex-alunos, mas também por aqueles que de alguma forma fizeram parte desse processo histórico.

De acordo com Delgado (2003, p. 11) pode-se dizer que se trata “do encontro da História já vivida com a história pesquisada, estudada, analisada, enfim, narrada”. As cenas lembradas são, dessa forma, construções da experiência real, analisadas a partir de fragmentos que buscam recompor o cenário social e educacional estudado. Seguindo nessa linha de pensamento, apoiamos em Bossi (1994, p. 11) para quem o “passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente”. Atualmente nas memórias dos interlocutores o passado apresenta-se como uma janela de aprendizados históricos. A partir dessa janela os interlocutores E. D. e D. D. ao lembrar da cidade no período em que o Internato esteve em funcionamento relatam que a cidade era muito pequena.

Era uma cidade pequena com poucos habitantes. Não tinha água encanada, os moradores iam buscar água no SESP - Hospital da Cidade na época, Rua Dr. Assis. E nem energia elétrica, usavam lamparinas, candeeiros, velas e petromax a querosene. As ruas da cidade eram aterradas com as serragens da madeira BISA. Tinham pontes de madeira em algumas ruas. Todos andavam a pé. Raramente se via uma bicicleta. Tinha carroças puxadas por bois. A sobrevivência na época girava em torno do comércio madeireiro. Havia poucas mercearias e tabernas. Existia um trapiche municipal com uma casa. Ainda existe até hoje. Havia apenas um cemitério chamado Santa Rita, fundado em 1901. Ficava distante do centro da cidade. Seu construtor foi o Intendente Coronel Lourenço Borges. Na época não existia bairros, apenas ruas (E. D.; D. D., 75a, 2021).

Ainda trilhando por lembranças da cidade, Dona M. L., que chegou ao território brevense em 1962, reitera:

Ah era muito [pequena], só tinha duas ruas. Só tinha, era as duas ruas que era a Presidente Getúlio e a Dr. Assis que era a rua do hospital. Eu me lembro daí do Internato lá da Cidade Nova que era lá da ponte pra cá, aí findava lá né no Internato a rua que a última rua era o que, àquela rua a Interventor Malcher né, aí de lá já passava pro Internato. A rua de lá da Interventor Malcher até aqui, a Castilho França que era que era um caminho acho que até aqui na frente do cemitério (Cemitério Santa Rita). Eu acredito que só tinha a Castilho França só, até a Paes de Carvalho, eu acredito que sim, eu só sei que só tinha da Interventor Malcher até na Capitão Assis, até lá né, no fim da Dr. Assis. Pra cá, era só caminho o Centro. Por isso que eu digo que só tinha essas duas ruas principais (M. L., 71a, 2021).

Em cada relato verificam-se os pontos de referência selecionados pelas memórias dos depoentes o que os possibilitam fazer em nosso imaginário a representação da cidade no decorrer dos tempos e assim compreender a transformação da paisagem. Bossi (1994, p.9) lembra que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações”, possibilitando, desta forma, que os depoentes ao relembrem os espaços projetem uma memória visual dos referidos espaços tal como era no passado. Desse modo, a lembrança ganha materialidade e simbolismo, caracterizando-se em agente ativo que organiza e reconfigura a vida em sociedade (HODDER, 1994).

Na época de fundação, a estrutura física do Internato, conforme, os relatos e as imagens, contava com três a quatro casas. Havia uma casa para o funcionamento das aulas (Figura 2)³, uma casa para acomodar as meninas (Figura 3)⁴, uma casa para os meninos (não conseguimos obter uma imagem) e a residência dos fundadores (Figura 4)⁵. Conforme os depoentes, mesmo sendo a residência dos missionários, era uma casa que servia de alojamento para os meninos menores. De acordo com as figuras abaixo as casas eram em madeira, cada uma com um modelo arquitetônico, mas que atendia ao padrão das moradias na região.

³ Atualmente neste local encontra-se o prédio do Fórum da Comarca de Breves (Anexo B).

⁴ Nesse local, ficava a fazenda de gado do senhor Francisco Leite, comprada pelo casal Cunningham. Atualmente está localizada a escola de ensino fundamental Estevão Gomes (Anexo B).

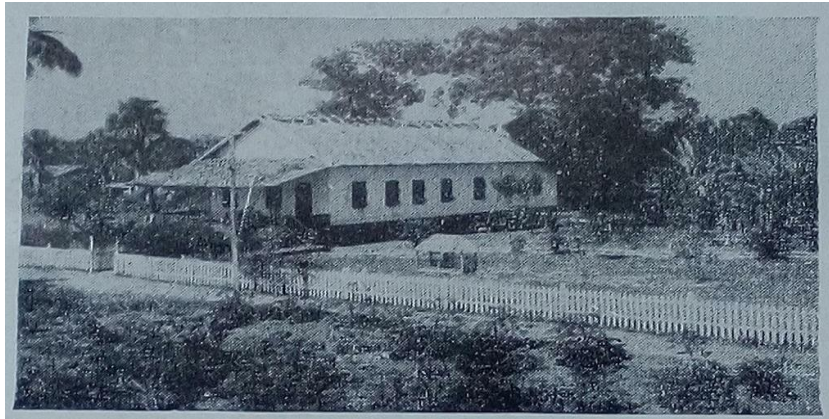
⁵ Localizada na Avenida Rio Branco, atualmente na área estão dois prédios comerciais (Point da Informática e O Boticário).

Figura 2 — Prédio do Internato Evangélico da Amazônia, onde ocorriam as aulas - 1948-1971.



Fonte: Panfleto de apresentação do Internato, arquivo pessoal de M. L. C.

Figura 3 — Lar das meninas - 1949-1963.



Fonte: Panfleto de apresentação do Internato, arquivo pessoal de M. L. C.

Figura 4 — Roberto Cunningham e alunos internos, ao fundo residência do casal Cunningham e Lar dos meninos - 1949-1950.



Fonte: Panfleto de apresentação do Internato, arquivo pessoal de M. L. C.

As imagens mostram ainda que, além de serem de madeira, as casas, também, seguiam um modelo arquitetônico adequado ao clima e geografia amazônica, isto é, com bastantes janelas, em alguns casos, assoalho alto e cobertura de palha. Conforme as narrativas de E. D. e D. D. (75a, 2021) o prédio da escola “Era um casarão todo em madeira com amplas salas”, assim como as moradias dos alunos, diretores e professores. Tais moradias eram organizadas e limpas por seus respectivos moradores segundo uma escala de horários e atividades.

O corpo docente da escola era constituído por missionários. Estes missionários eram de fora da região brevense, oriundos de diferentes países e regiões brasileiras. Somente quando essa instituição passou a condição de Externato o corpo docente incluiu professores da região, conforme narra Dona M. L.

Como internato tinha alunos de toda parte como tinha professor, eu me lembro que tinha até uma professora paulista que até hoje eu tenho saudade dela e eu não tive o contato desde quando ela foi embora ninguém sabe né. Então teve vários professores né, que inclusive tem uma né que essa ainda é viva hoje, de vez enquanto a gente fala, professora Olga Barros né, pessoal falavam dela que só, tinham raiva que ela era brava [...] quando começou o Externato já foi professor daqui, eu me lembro que tem essas duas né, que eram duas irmãs a Ivone e Eunice Sodré, aí também porque na época do internato tinha a tia Alice que era daqui, filha daqui mas, ela cresceu no Internato, que é a mãe do Esdras, aí tinha essa uma paulista que era a Noêmia, tinha a professora Olga que é viva até hoje, tá com seus 93 anos que era do Maranhão, tinha a professora Adaíde que também não era daqui também, ela era de Abaetetuba. (M. L., 71a, 2021).

Ainda de acordo com a depoente, o corpo docente era formado por professores solteiros e evangélicos, sem exceção “Todas evangélicas, os professores do Internato, Externato todos evangélicos [...]. Todos eram solteiros [...]” (M. L., 71a, 2021). Os docentes de outras regiões tinham que deixar suas casas e famílias para se dedicar à missão de educar e evangelizar os alunos do Internato de modo integral, isso justifica o fato de serem solteiros.

Atuar de modo integral na instituição significou que estes sujeitos não eram somente professores, eram conselheiros responsáveis, missionários, e por assim dizer “família”.

Conhecer a educação e sua funcionalidade em outros períodos da história possibilita também compreender as dinâmicas relações entre os sujeitos desse processo. Quando se trata da relação entre o corpo docente e discente, os relatos dos interlocutores vêm afirmar que era uma relação agradável. Segundo E. D. e D. D. (75a, 2021) “Eles mantinham a ordem e respeito. Os professores(as) eram zelosos, dedicados e atenciosos com os alunos”.

O relato de Dona M. L. (71a, 2021) revela que além do corpo docente, o corpo discente do internato também era composto por alunos de diferentes lugares. Estes vinham do Maranhão, de Altamira, Porto de Mós, Alenquer e Belém do Pará. Em diálogo com nossos

interlocutores identificamos que em determinado período a escola exigia que todos os alunos matriculados fossem evangélicos, aliás, os alunos do Internato eram filhos de famílias evangélicas. Mas, tempos depois, a escola passou a aceitar alunos de outras ordens religiosas, especialmente, os que frequentavam a escola no formato externo. Comentam E. D. e D. D. (75a, 2021): “Os diretores e funcionários eram evangélicos. Os alunos internos eram de famílias evangélicas. Os externos nem todos eram”.

A prática pedagógica adotada pelo Internato não se restringia a formação escolar, visto que, a instituição seguia os preceitos religiosos de uma congregação evangélica, dessa forma, os valores e os princípios da congregação eram pregados aos alunos visando trazê-los para o evangelho no convertimento e prática, de modo que se esperava inicialmente que os alunos fossem ou se tornassem evangélicos. A intenção da escola em aceitar alunos que não eram da mesma denominação religiosa defendida pelos professores e gestores, se justifica na fala de Dona M. L. Essa interlocutora relata: “o objetivo do internato foi alcançar as pessoas para o evangelho. Melhor meio era as crianças, sempre através das crianças. Então era qualquer criança, né” (M. L., 71a, 2021).

Os dados empíricos revelam ainda que nos primeiros anos de funcionamento do Internato Evangélico em Breves, a matrícula e permanência dos/a alunos/as nesta instituição era gratuita, porém, com o aumento da demanda de alunos/as e, por conseguinte, o aumento das despesas, a cobrança da mensalidade tornou-se necessária para arcar com os custos. Com a referida cobrança o público restringiu-se a quem podia pagar, ou seja, aos filhos de famílias com boas condições financeiras.

O Internato/Externato era uma obra pertencente e dependente da missão religiosa, dessa forma sustentava-se com os recursos financeiros adquiridos com as mensalidades dos estudantes. Além das mensalidades dos alunos, o Internato recebia contribuições de voluntários evangélicos de outros países (não conseguimos identificar os países, por sugestão pode-se dizer que as contribuições vinham de países como o Japão, Canadá e a Inglaterra) e de quem mais se dispusesse a ajudar a missão. Os entrevistados revelaram que os voluntários forneciam o necessário para pagar aos professores, garantir a manutenção do trabalho e a estadia dos alunos. As ajudas eram em dinheiro e materiais como cadernos, livros, lençóis, panos de pratos, fazendas⁶, linha para bordados, esparadrapos, giz de cera, entre outros, materiais que de alguma forma poderiam ser utilizados (Anexo A).

A alimentação oferecida no Internato, segundo Dona M. L., também era doada.

Era, era dado pela, acho, que, era missão na época, porque como internato os pais pagavam né pros filhos ficarem internos [...]. Eu me lembro que era o estrangeiro, eles cooperavam muito, vinha arroz, vinha feijão, vinha esse fubá de milho, tinha um outro. A alimentação era toda doada né, fornecida pelo internato, na época do internato. Eu me lembro mesmo depois que terminou o internato ficou só os alunos externos, mesmo assim ainda acho que 1 ano depois ainda veio umas duas vezes, vinha roupa pra doarem pras pessoas, tem muitas pessoas aqui ainda que se lembra que recebia essa alimentação, esse feijão, o que vinha né, óleo, leite, vinha muita coisa, vinha é de camburão isso eu me lembro, esses tambor de óleo que hoje já não existe né, é, aqueles antigo vinha cheio de mercadoria, de roupa, tudinho que vinha do estrangeiro, não sei de que país né, mas eu só sei que vinha de fora. Aí tinha, e graças a Deus tinha tudo (M. L., 71a, 2021).

Verifica-se no relato que, as doações externas, muito provavelmente de famílias evangélicas, mantinham as atividades do Internato, o qual também contava com as mensalidades pagas pelas famílias dos estudantes para custear os professores. Trata-se de uma instituição por sua natureza seletiva e com finalidades claramente definidas, como se observa por meio das rotinas e práticas pedagógicas adotadas.

4.2 Memórias de uma escola-casa no Marajó: rotinas, horários e Prática pedagógica

Nas memórias de nossos depoentes figura uma rotina com horários e práticas controladas. Na verdade, essas práticas envolviam uma dinâmica com rotinas, horários e atividades escolares, domésticas e religiosas. Os dados coletados nos permitem afirmar que na relação de estudo e moradia dos/as alunos/as no Internato havia regras de convivência e organização que precisavam ser seguidas tanto pelos/as alunos/as como pelos/as professores/as.

Para internos como dona M. L. as regras eram boas e importantes para o processo educativo dos/as alunos/as. Relata, ela:

[...] foi muito bom, por exemplo, como interno a agente na hora da refeição, você não podia, esse pedaço de melancia aqui eu não como eu vou dar pra esse meu colega aqui, você não podia fazer isso, não, você tinha que comer o que tinha na mesa e você não podia pegar objeto nenhum do seu amigo, o que é seu é seu, se você tem você tem, se você não tem você não tem. (M.L., 71a, 2021).

⁶ Termo usado para se referir a todo tipo de tecido.

Por ser distinta em gênero, as práticas, as relações e as moradias do Internato eram diferenciadas. As meninas viviam no Lar das meninas e os meninos viviam no Lar dos meninos. Verifica-se nas narrativas dos depoentes que a relação de gênero não se efetivava apenas na separação dos espaços, mas também na diferenciação das coisas e atividades. Coisas e atividades de meninas e coisas e atividades de meninos e, essa dinâmica era garantida pelos/as professores/as, que além das aulas, eram responsáveis pelo controle e organização das crianças nos alojamentos.

Quando chegavam ao Internato, os alunos eram divididos nos alojamentos de acordo com sua faixa etária de idade e, assim, também, eram denominados, de 1 a 7 anos eram chamados de Violetas, de 8 a 11 anos eram chamados de Magnólias e de 12 a 14 anos tinham o nome de Rosas. Estas moravam em uma casa somente de meninas.

Rememora Dona M. L. (71a, 2021):

Quando eu cheguei, nós morávamos, tinha a casa das meninas e tinha a casa dos meninos, né, as meninas não se misturavam com os meninos, né, só na hora de escola e coisa, mas morava as meninas com as professoras no caso eu me lembro que era a professora Adaíde, essa paulista que era Noêmia Jurevita, e os meninos morava com o tio João e tia Rosinha que eram os diretores, os meninos menores e os maiores com a tia Alice e a dona Olga, né então eram divididos. Tinha os menores, não sei a idade se era de 7 a 9 anos, não sei, só sei que era os menores e eles ficavam na casa com o tio João onde é hoje o Estevão Gomes, era onde era a residência dos diretores e eu acho que onde é uma igreja que fica de frente pra rua né, quando a gente vai, eu acho que é uma igreja que tem era a última escola né.

Senhor João Cardoso e Dona Rosa Amélia Cardoso (Rosinha), como a entrevistada comenta, foram os últimos diretores do Internato/Externato. Este casal maranhense (figura 5) esteve à frente da direção da escola, desde a saída dos fundadores (o que em hipótese ocorreu em meados dos anos de 1950) até 1971 quando o Internato foi fechado. Nesse tempo a instituição ainda teve como secretário o Rev. Teodoro Laskowski, missionário que chegou em Breves em meados de 1950, com o intuito de cooperar com a igreja Cristã e com o internato, atuando na região brevense por cerca de dois anos⁷.

⁷ 30 DIAS DE MISSÕES E ORAÇÃO. AICEB, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/528694630897906/posts/1332393733861321/>

Figura 5 — Senhor João Cardoso e Rosa Amélia Cardoso, administradores do Internato - 1950-1971.



Fonte: Panfleto de apresentação do Internato, arquivo pessoal de M. L. C.

Nas memórias dos entrevistados, a área do Internato era bem grande, pois, contava com várias casas e áreas abertas para as atividades práticas. As casas eram controladas pelos/as missionários/as, que também atuavam como docentes e gestores. Consta-se que, os filhos e sobrinhos dos últimos gestores, também, eram internos, e seguiam as mesmas regras que os demais alunos (Anexo A). Brito (2018, p. 62), lembra-nos que: “a regulação dos alunos a partir das regras e normas, da vigilância e do controle da rotina são elementos que constituem o tempo e o espaço da instituição que funciona em regime de internato”.

O tempo dos alunos no internato era organizado e dividido de acordo com as atividades diárias que todos os alunos possuíam.

A gente levantava não lembro que horas, mas levantava cedo né, íamos, tomávamos nosso café, depois íamos pra escola, cada qual, todo mundo tinha sua tarefa, né, sua tarefa do dia, por exemplo, as meninas, tinha uma tabela, hoje ela varre o quarto, limpa a área, tinha todos os afazeres, era na semana, tudinho, cada uma tinha a sua tarefa do dia né, por exemplo, a gente levantava, antes de tudo, escovar os dentes, tomar banho. E limpava logo o quarto onde a gente dormia né, aí depois de nossa tarefa tudinho do dia estudava, não lembro do horário do almoço, deveria ser 11:30, meio dia (M. L., 71a, 2021).

O senhor E. D. e a senhora D. D. (75a, 2021) lembram que o café da manhã era servido às 7h. Depois seguiam para a aula que começava com o devocional bíblico (leitura da bíblia). Relatam: “Nas salas de aula faziam o devocional bíblico junto com o professor(a) e na sequência assistiam às aulas até 11h30. Ao meio-dia era o almoço. Ao término, as meninas eram escaladas para lavar a louça e os meninos escalados para a limpeza”. Dona M. L. lembra:

Sei que a gente tinha o nosso descanso né, até uma e meia, 2h da tarde. A gente levantava, como aluno interno, a gente levantava e ia pra uma mesa dessa (usou como referência a mesa de madeira da sua sala), igual essa para fazer os deveres da escola né, que naquele tempo você estudava, não era igual hoje, fazia os deveres da escola, depois que você terminasse o seu dever você ia fazer a sua tarefa da tarde que você tinha, quando você terminasse você estava liberado para brincar, fazer o que você quiser, né. No final, eu me lembro que era 4h ou 4:30h da tarde todo mundo estava esperando por essa hora que era pra ir tomar banho de rio né. De segunda a sábado a gente tomava banho de rio, que depois do nosso horário, não sei se era 4h ou 4:30h, eu sei que 5h era os meninos que iam pra esse banho. (M. L., 71a, 2021).

Tomar banho de rio era uma das diversões (figura 6) compartilhadas pela população brevense em geral, nessa época. Havia grandes pontes na área portuária da cidade, de modo que, no finalzinho da tarde, adultos e crianças se dirigiam a esses locais para tomar o seu banho. No local, onde hoje se situa a Escola Estevão Gomes, encontravam-se as moradias dos alunos internos. Este espaço fica próximo ao Rio Parauaú, o que facilitava o banho citado pela entrevistada. Na Amazônia é comum colocar as casas próximas ao rio para facilitar o acesso ao porto (COSTA, 2018), como sugere ser o caso das instalações do Internato Evangélico de Breves.

Figura 6 — Internos em momento de lazer. Meados de 1949-1963.



Fonte: Panfleto de apresentação do Internato, arquivos de M. L. C.

Ainda seguindo o cronograma de atividades dos internos, E. D. e D. D. (75a, 2021) lembram que “às 17h30 era o jantar. Depois do jantar tinha um momento livre. Às 19:30h [ocorria] o devocional bíblico e às 20h todos já estavam nas suas camas em silêncio”. Os relatos mostram que a relação didática era vivenciada em várias situações, especialmente, nas refeições diárias, na sala de aula, nos trabalhos domésticos, nas conversas, nos silêncios e no lazer. Fazia parte dessa relação a participação dos alunos em atividades de cunho escolar promovidas na cidade, como é o caso de um desfile de 7 de setembro (Figura 7) ocorrido provavelmente no ano de 1950.

Figura 7— Desfile dos alunos do Internato/Externato no 7 de setembro de 1950?.



Fonte: Panfleto de apresentação do Internato, arquivo de M. L. C.

O Internato na compreensão dos entrevistados era uma escola completa, pois, sabia lidar com todas as questões administrativas, pedagógicas e do lar. Pelos depoimentos podemos dizer que para lidar com tais questões, referida unidade adotava regras rígidas. Essas regras eram indispensáveis para controlar e disciplinar as crianças nas diferentes práticas e ações. Uma vez vigiadas e controladas evitam-se acidentes, inquietações ou desordens, bem como se assegurava o aprendizado proposto. Nesse propósito, professores e diretores cuidavam de manter a ordem sob a lógica do vigiar e punir (FOUCAULT, 2004).

Na expressão de Brito (2018, p. 31), o “sistema de vigilância e de controle sobre a rotina dos alunos fez com que esse espaço fosse caracterizado como um ambiente disciplinador”. Assim como os internatos do período colonial e do século XIX, o Internato Evangélico de Breves, também estabelecia disciplinas e regulamentos rígidos. Conta Dona M. L. (71a, 2021):

Pois é falando do internato só tenho coisas boas apesar de ter ficado de castigo, mas acho que foi muito bom [...] Mas eu digo assim, que essa escola pra mim que eu passei por outras escolas, pra mim foi uma essencial, pra mim foi uma escola modelo né, passei por outras escolas, essa foi a minha segunda escola. Que quando eu vim pra cá eu estudava numa outra, não era internato, então eu achei assim, a gente reclamava na época né, que a gente era interno né, então como internos tudo tem uma regra né, tudo tem limite, então eu acho que por causa disso até hoje me chamam de enjoada porque as minhas coisas eu gosto tudo no lugar, tudo direitinho entendeu? Então eu aprendi foi lá né, a conviver dessa maneira, eu acho que foi um ensinamento que a gente teve um aprendizado realmente como diz que é a única coisa que a gente leva né, o aprendizado que a gente tem né, então.

As narrativas dos ex-alunos demonstram que os “castigos” também faziam parte da rotina escolar. Por se tratar de uma instituição tradicional, na época, era muito comum aos professores castigarem os alunos, como ato de repreensão por mau comportamento, não

estudarem, entre outras questões. Com relação aos momentos que esses castigos eram postos aos alunos a ex-aluna relata:

Dependia, por exemplo, eu me lembro duma coisa, assim você tinha que dar a lição né, você tinha que saber a lição. Na matemática, coitado do nego que não sabia matemática né, quando ele não apanhava do colega era pior ele apanhar do professor, se perguntasse e ele não soubesse, pergunto pra senhora *quanto é? Não sabe, isso aqui sabe?* (encena o professor perguntando para o aluno da classe) *tá, tá certo então pode dar um bolo nele.* Era. E se o colega não quisesse dar, ia apanhar o colega e o outro, do professor. Mas ele não queria apanhar do professor e ele tinha que saber bater também, era pra sentir. Mas esse era aqueles que não queriam nada mesmo nera que pegavam (M. L., 71a, 2021).

Segundo o Sr. E. D. e a Sra. D. D. (75a, 2021):

Além da palmatória (usada raramente) tinha os castigos como: ficar atrás da porta em pé ou de joelho por um determinado tempo, escrever várias vezes uma frase e às vezes ficar sentado olhando os outros alunos brincarem. Os castigos sempre aconteciam no horário do lazer.

Os alunos ainda ficavam no canto da sala, de joelhos na frente dos demais colegas e/ou enchiam uma folha de caderno com repetições de palavras ou números, caso não soubessem escrevê-los corretamente. Apesar dos castigos, os depoentes possuem uma visão positiva do Internato e o modelo de ensino. Os castigos são entendidos como algo válido e relevante para o aprendizado dos alunos. Comenta o Sr. E. D. e a Sra. D. D. (75a, 2021) “na hora os alunos não gostavam, mas hoje quando nos encontramos reconhecemos que valeu a pena”.

Salienta Oliveira (2005) que nossas histórias de infância e escolarização são revisitadas em nossas lembranças como referências que construímos para as representações, modelos, gostos, para o que é significativo para nós e para reflexão de quem somos. A cultura escolar assumida por essa instituição de ensino acabou incorporando ensinamentos que os discentes levaram para sua vida fora daquele ambiente escolar. Como internos é interessante pontuar a representação que os alunos tinham da escola como casa e os professores, diretores e demais funcionários como componentes de uma família. Desta maneira eram respeitados pelos alunos, inclusive em momentos de castigos.

De acordo com Bossi (1994, p. 9)

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Quando se fala da educação oferecida no Internato/Externato, há entre os interlocutores, lembranças saudosas e vívidas de uma educação que não marcou somente as memórias, mas também influencia na percepção dos ex-alunos sobre o modelo educacional da atualidade. A instituição ainda hoje é vista como uma escola modelo, com todo o seu apanhado metodológico diferenciado das demais escolas da região daquele momento histórico e da atualidade.

Assim eu sinto muita falta dessa época hoje né que poxa a gente aprendeu muita coisa com isso apesar de ser rígido. Você não podia sair né, a gente não podia como tava falando ter contato com os meninos se não fosse naquela hora da escola, né, a gente não tinha, a gente achava que era muito ruim, não, mais hoje a gente analisando, eu acho que estava mais do que certo, né, eu acho a escola em si, o estudo daquela época, desculpa eu falar mais eu ainda dou 10 para o estudo daquela época do que pra esse estudo de hoje, ainda dou, porque você querendo ou não querendo você aprendia, era rígido, era, mas era pro seu próprio bem. Naquela época só não aprendia quem realmente não queria, mas ele era obrigado a estudar né, hoje não, você aprende se você bem entender porque até o professor não tem mais autoridade né, não é respeitado né, naquela época eu me lembro nunca fiquei no caroço do milho, mas tinha, tinha palmatória, tinha, tinha régua, tinha, mas você só saía da escola depois que você soubesse ou desse prontinha a sua tarefa né. A gente: *ah porque a professora é mal*, e não, hoje eu digo que não, não era não, o que eu aprendi eu aprendi, né, eu me lembro que os colegas ficavam lá, ficavam brincando, fazer o dever não fazia, tá, professora ia lá e corrigia tudinho, você fez? Não, não fiz, pois agora você só vai embora pra casa depois que você fizer o seu dever, e cansou de colegas ficarem lá e saírem de lá 1h da tarde, meio dia porque ele só saía realmente depois que fazia o dever né (M. L., 71a, 2021).

Como mencionado pela interlocutora, a escola tinha uma norma rígida e controlava a vida dos alunos, o que já era esperado levando em conta o modelo de educação mais tradicionalista da época. A metodologia adotada pelos docentes consistia na transcrição do conteúdo do livro didático na lousa, e devidamente copiada pelos alunos no caderno. Os alunos eram chamados para completar as tarefas no quadro para mostrar que realmente tinham aprendido o assunto estudado. Além disso, os alunos tinham que decorar tabuadas e verbos, bem como, fazer ditado uma vez por semana. Sobre essa rotina da sala de aula Dona M. L. relembra como foi sua vivência na primeira série (primeiro ano do ensino fundamental).

Você estudava a cartilha do ABC, você tinha que saber de cor e salteado como diz, mas não era só decorado como diz, você tinha que decorar entres aspas, você tinha que ler ela todinha pra você passar pra uma segunda cartilha pra depois você passar pro primeiro ano, pro livro do primeiro ano mesmo, primeira série, quer dizer, você tinha a alfabetização e a pré-escola. (M. L., 71a, 2021).

Em relação ao material didático a ex-aluna ainda relembra:

Tinha os livros que eu acho assim tão interessante porque a gente tinha os nossos livros, tinha os livros, todos os livros, eu um dia desses tava querendo me lembrar de um livro, eu sei que o nome é Infância brasileira, queria tanto achar esse livro, que tinha todas as matérias, do português à matemática, história e geografia, a gente tinha todos os livros (M. L., 71a, 2021).

Constatamos que o ensino da instituição compreendia ao ensino primário que abrangia as matérias desde a alfabetização até o quinto ano; o ensino pré-bíblico, que era um curso preparatório para estudantes que não possuíam instrução necessária para cursar um instituto bíblico; o ensino prático, tarefas que acompanhavam o ensino da sala de aula; e a Educação espiritual, a qual as crianças recebiam através dos cultos realizados diariamente no colégio.

A educação no internato não era somente de caráter teórico, de modo que, rotineiramente eram realizados ensinamentos práticos de cunho educacional. O casal E. D. e D. D. (75a, 2021) relatam ainda: “Duas vezes na semana (horário da tarde) tinha as prendas domésticas para as meninas e outros afazeres para os meninos como plantar, capinar”. A proposta da instituição era que o ensino prático deveria acompanhar a educação intelectual. A atividade prática destinada às meninas envolvia ainda noções de culinária, higiene e medidas de pronto socorro, enquanto que para os meninos adotavam-se noções para a prática da lavoura, trabalhos manuais, higiene e pronto socorro. Essas atividades são interpretadas pelos interlocutores como essencial para uma vida respeitada em sociedade na época. E para que o objetivo fosse alcançado acreditava-se ser necessário cultivar hábitos de trabalho. Os serviços eram distribuídos a cada aluno de acordo com sua idade e gênero.

Os finais de semana no Internato funcionavam da seguinte forma: o sábado era o dia livre para os alunos fazerem passeios e brincadeiras e no domingo o compromisso dos funcionários e alunos era ir à igreja. Como era uma instituição que acolhia o corpo discente durante a maior parte do ano, não havia férias em julho, ou seja, os alunos não retornavam para suas casas nesse período. Eram mandados à casa da Missão em Portel, também conhecida como Casa da Praia (15 dias para os meninos e 15 para as meninas). Os alunos somente retornavam para seus lares nas férias de dezembro, janeiro e fevereiro. Verificamos que aos alunos externos a rotina de permanência na escola era similar ao que se pode observar atualmente nas escolas, quanto aos horários de aula, entrada e saída. Os alunos “chegavam apenas para o horário das aulas da manhã e iam almoçar nas suas casas. Retornavam só no dia seguinte” (E. D.; D. D., 75a, 2021). Dessa forma compreende-se que alguns aspectos da modalidade integral, como o ensino prático, não se aplicavam a eles.

Quando o regime de Internato foi encerrado na instituição em 1963, a escola passou a funcionar somente com alunos externos. Mesmo que o regime tenha sido modificado, o modelo educacional continuou o mesmo. Isto é, prevaleceu uma pedagogia tradicional, com foco na transmissão do conteúdo. Para, além disso, de acordo com os relatos, nessa época, o externato inseriu em seu componente curricular o curso de Datilografia, tratado como uma novidade que atribuiu a esta instituição um caráter de escola moderna.

Cabe mencionar, que como Externato, quem tinha a quinta série do ensino fundamental estava habilitada a lecionar. Desse modo, muitos alunos/as, que concluíram a quinta série na instituição, ainda atuavam como professores/as. Isso nos mostra que a mudança de internato para externato implicou também em mudança nos requisitos para a docência. Enquanto Internato, os professores eram somente de fora da cidade, já como Externato passaram a ser incluídos ao corpo docente professores do município de Breves.

Nos mandatos de Sebastião Hortas Félix (1963-1966) e Floriano Pinto Gonçalves (1967-1970) a prefeitura assumiu a instituição no formato externato e passou a pagar o salário dos professores. Dona M. L. (71a, 2021) que, na época, já era professora, conta que o valor do seu primeiro salário foi de cinco cruzeiros, quantia considerada satisfatória naquele momento. Nos anos 1970 muitas escolas já haviam surgido na cidade, com o ensino gratuito. Com isso, o número de alunos no Externato reduziu-se e os recursos também, fato que contribuiu para o fechamento desta unidade em 1971.

Os interlocutores lamentaram o fechamento, pois entendem que foi uma perda para a educação municipal. Em comparação com a educação atual, entendem que o modelo educacional do Internato/Externato Evangélico era bem melhor. Falando sobre a mudança no modelo educacional, o Sr. E. D. e a Sra. D. D. (75a, 2021) comentam: “Mudou demais. Conforme temos visto umas mudanças foram positivas e outras não”. Não somente a metodologia, mas, a forma de se relacionar na escola também mudou.

Sobre isso Dona M. L. relata:

Olha uma coisa que eu acho que hoje nas escolas a gente nem vê mais né, não cantam o hino nacional, não cantam nadinha e eu me lembro disso. Quando a gente ia à escola, chegava fazia fila pra entrar que hoje não tem mais também, pra entrar formava a fila, ficava em forma lá né, classe por classe, cantava o hino nacional, o hino da escola, qualquer um hino pátrio da escola, era um hino evangélico, qualquer outro pra poder entrar na sala de aula né, depois na hora de sair era a mesma coisa né, e hoje a gente não tem mais nada disso né[...] Até hoje eu digo assim, eu acho que o que eu aprendi a ler, eu aprendi até na primeira série, apenas a gente foi aperfeiçoando né, porque tem aluno hoje que tá, de quarta série que não sabe ler. Então eu digo, eu acho até que esse regime de antigamente de alfabetização você, hoje você é obrigada a passar um aluno sem saber e naquela época não. Eu digo aqui pros meninos eu sou mais o ensino que eu passei por ele do que, esse que eu vejo vocês aí. (M. L., 71a, 2021).

No Internato, de acordo com E. D. e D. D.:

No final do mês era escolhido um hino (Hino do Pará, Hino à Bandeira Nacional, Hino Oração pela Pátria e Hino Nacional) para todos os alunos (internos/externos) e professores (as) cantassem no auditório, após o término das aulas. (E. D.; D. D., 75a, 2021).

A tradição de reunir os alunos para cantarem um hino ou fazerem uma oração, embora já não seja uma prática frequente, se verifica que muitas escolas procuram mantê-las, principalmente, algumas escolas de educação infantil e ensino fundamental (anos iniciais).

O ensino hoje, embora haja rastros da educação tradicional, busca sempre por novos métodos, novas abordagens, com uma lógica diferenciada da encontrada na educação de antes. Pode-se sugerir que o modelo educacional do passado, assim como, as vivências desse período, sobrevivem nos registros documentais e nas memórias, sendo revisitados em momentos saudosos, como se verifica no relato do Sr. E. D. e a Sra. D. D. (75a, 2021) “Tenho saudades de todos e de tudo. Foram bons tempos”.

A memória compartilhada é capaz de apontar percepções de um coletivo. Consoante a isso, Delgado (2003, p. 19) lembra: “memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico”. A história do Internato apresenta-se como um saber histórico e, por estar na memória, na história e ter um sentido e significado para estes ex-alunos, o Externato/Internato assume assim valor de patrimônio, até “Porque foram um marco na cidade” (E. D.; D. D. 75a, 2021).

Segundo Brito (2018) a forma como a instituição organiza o espaço e o tempo, produz uma cultura escolar específica de si, o que a diferencia de outras instituições. O internato/Externato a partir de sua organização e metodologia de relações e ensino tornou-se um marco diferencial entre as escolas da região.

Um patrimônio guarda sentidos e significados nos espaços, nas vivências e nas memórias dos quais com ele interagem, dessa forma, o Internato/ Externato Evangélico da Amazônia, por ser um espaço de memória marcou a vida dos alunos. Como memória histórica deve ser valorizada, visto que, conforme Le Goff (1990) os espaços constituem-se em patrimônio cultural, quando a memória coletiva é valorizada

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que o Internato Evangélico Amazônico, com suas particularidades, seguia uma filosofia semelhante aos internatos jesuítas. Podemos dizer que, mais do que uma instituição escolar formal de ensino, a escola foi também lar, para adultos e crianças, que nas engrenagens das ações cotidianas mantinham uma relação afetiva, normalista e familiar. É uma instituição que caracteriza um pouco da cultura escolar e social do município. Apesar da sua inexistência física, a instituição é hoje um espaço guardado na memória dos interlocutores, uma referência histórica e educacional, que comporta marcas de um ensino considerado ideal. Sendo dessa forma, significativa para os ex-alunos como lugar de memória (NORA, 1993).

Os fatos, histórias e narrativas apresentadas aqui remontam a um tempo de uma educação com imposições de disciplinas e regras de um cenário educacional diferenciado na região. Além disso, remonta também a um tempo de saudades, de vínculos afetivos forjados num contato constante entre os sujeitos da instituição e de aprendizados que muitos levaram para sua vida. Esta instituição é a única referência desta modalidade internato que se tem para estudar a história da educação em Breves, após esta, não houve outra com os mesmos aspectos, regras e dinâmicas.

Os alunos, como ficou claro ao longo do texto, vinham de diferentes regiões do país e pertenciam a famílias evangélicas. Os docentes também eram evangélicos e de diferentes regiões e países. A dinâmica de ensino envolvia uma relação didática que integrava atividades pedagógicas, doméstica e espiritual. A finalidade da instituição consistia em instruir os alunos para ler, escrever e prepará-los espiritualmente na fé cristã. Filosofia que se verifica desde os primórdios dessa instituição em solo brasileiro.

Com esse tripé, na compreensão dos interlocutores, o Internato promovia uma formação escolar muito melhor em comparação à educação promovida atualmente nas escolas públicas e particulares do município. É possível sugerir que um diferencial desse Internato, em relação àqueles do tempo colonial e século XIX, é o fato dos ex-alunos e interlocutores dessa pesquisa, interpretarem o referido Internato como uma escola de excelência para obter o aprendizado. Embora as regras rígidas na visão dos interlocutores, o Internato desempenhou um importante e significativo papel, o que permite entendê-lo como lugar de memória e patrimônio da história da educação pública do município e região do Marajó. Em outras palavras, o Internato agrega valor de memória e patrimônio educacional aos ex-alunos e a história da educação local.

Falar sobre esses aspectos é pôr a história da educação em Breves em movimento, é permitir o conhecimento e proporcionar novos olhares para a cidade, o ensino e as nossas instituições escolares. Os dados descritos aqui contam não apenas a história de uma instituição, mas, evidenciam elementos de uma memória silenciada e esquecida pela historiografia oficial. Os vestígios trazidos pelo texto denunciam e anunciam a importância da memória individual e coletiva na configuração da história local. Como defende Delgado (2003, p. 19) “memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico”. As memórias dos interlocutores tornaram-se importantes fontes nesse empreendimento, pois, nos possibilitou costurar informações e conhecer parte de um importante capítulo da história da educação de Breves. Daí dizer que o estudo dessa unidade, que não se esgota aqui, torna-se indispensável tanto para conhecermos elementos do passado quanto para projetarmos novos olhares à educação e às instituições escolares na região do Marajó.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições: 70, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Estela Denise Schutz. **Memórias de ex-alunos(as) do internato da Escola Normal Evangélica em São Leopoldo/R**: Práticas cotidianas e cultura escolar (1950-1966). Orientadora: Grazziotin, Luciane Sgarbi Santos. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2018.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Princípio do internato escolar: primórdios, práticas e permanências no Brasil. **Interfaces Científicas – Educação**, v.7, n.2, p. 107 – 120, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/4345-Texto%20do%20artigo-19146-1-10-20190228.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

COSTA, Eliane Miranda. A escola Pública em Breves no Marajó: Seus objetos, histórias e memórias educativas. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.13, 2020.

COSTA, Eliane Miranda. **Memórias em escavações**: narrativas de moradores do rio Mapuá sobre os modos de vida, cultura material e preservação do patrimônio arqueológico (Marajó, PA, Brasil). 2018. 334 f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

DELGADO, L.A.N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, 6, 2003, p. 9-25

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIGUE, Michèle; BOULIN, Audrey. O Internato Escolar: limites e paradoxos de uma instituição total. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 985-1003, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/FdssVRtfKK7S7gzJknDtxbQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología**: Corrientes Actuales. Crítica, 1994.

KRIPKA, R.M.L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. de L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones UNAD**, v. 14, n. 2, p. 55-73, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MESQUITA, J. C. P. Confessionalidade: uma reflexão do passado. **Revista do Cogeime**. v. 1, nº 1. 1992.

NORA, Pierre. Entre História e Memória – a problemática dos lugares. *In*: **Projeto História 10**, PUC-SP, pp. 7-28, 1993. Disponível em: www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf. Acesso em 18 fev. 2021.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História Oral**, v. 8, n. 1, p. 91-106, jan.-jun. 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos históricos**, vol. 2., Nº 3, p.3-15, 1989.

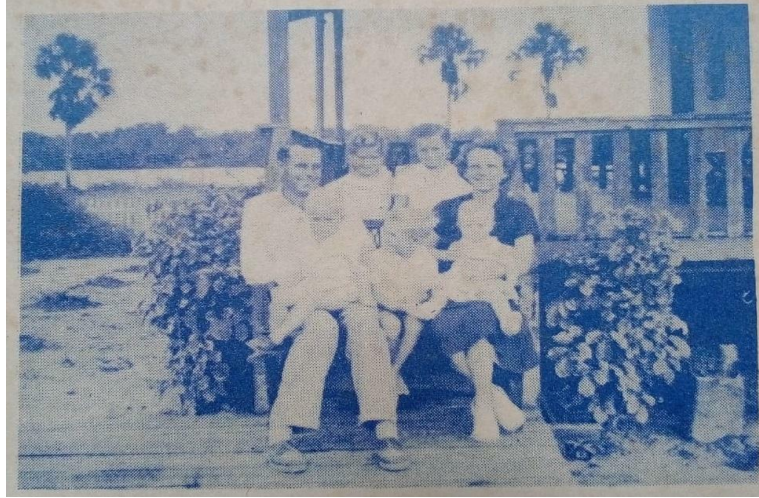
SALERA JÚNIOR, Giovanni. **Breves: Prefeitos e vice-prefeitos**, SEMED, 2014. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/4877168>. Acesso em 20 mai. 2021.

SILVA, Demóstenes N. da; RABINOVICH, Elaine P. Expectativas parentais: o internato como contexto de desenvolvimento. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 17, n 3, p. 60-71, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19848>. Acesso em: 15 nov. 2021.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e histórias das instituições escolares. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez. 2007.

ANEXO A – IMAGENS DE FUNCIONÁRIOS E ALUNOS DO INTERNATO

Figura 8: Casal Rev. Roberto Cunningham e Rosimere Cunningham e seus filhos - entre 1947-1950.



Fonte: Panfleto de apresentação do Internato, arquivo pessoal de M. L. C.

Figura 9: João e Rosa Amélia, os filhos Romélia e João e as alunas: Luzia, Guiomar, Nazaré e Mariá - 1950-1971.



Fonte: Arquivo Pessoal de M. L. C.

Figura 10: Crianças no trator doado ao Internato. Meados de 1949-1963.



Fonte: Panfleto de apresentação do Internato, arquivo de M. L. C.

ANEXO B – IMAGENS DE LUGARES E CONSTRUÇÕES NA ATUALIDADE,
LOCALIZADO NOS ESPAÇOS DO ANTIGO INTERNATO

Figura 11: Fórum da Comarca de Breves, antigo Internato Evangélico Amazônico.



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2021.

Figura 12: Escola Estevão Gomes, espaço ocupado antigamente por alojamentos de alunos do Internato
Evangélico Amazônico.



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2021.